

A LITERATURA NOS PRIMEIROS JORNAIS DO/ NO AMAPÁ: DA VILA AO TERRITÓRIO

LITERATURE IN THE FIRST NEWSPAPERS OF/IN AMAPÁ: FROM VILA TO TERRITORY

Valdiney Valente Lobato de Castro (UNIFAP)¹

RESUMO: Por ter sido o principal suporte por onde circulou a leitura no mundo oitocentista, o jornal rapidamente, graças a seu caráter portátil, à periodicidade das notícias e às viagens a vapor, alcançou as regiões brasileiras mais distantes. O Amapá, subordinado ao governo da província do Grão-Pará, esteve por anos dependendo das rotas paraenses para ter acesso às folhas públicas. Somente no final do século XIX, essas gazetas passam a circular com mais frequência nas terras amapaenses; em 1897, o *Pinsonia*, começa a ser produzido

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal do Pará, bolsista do Programa Pesquisa Produtividade da Faculdade Estácio do Amapá; cursa pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Amapá, em Macapá (Amapá/ Brasil). E-mail: valdineyvalente@hotmail.com.

em Macapá e, finalmente, em 1945, surge *O Amapá*, órgão oficial do território recentemente instaurado. A proposta deste estudo incide em analisar os primeiros jornais a circularem pelas terras amapaenses com o intuito de compreender como a literatura estava presente nessas folhas. Para tanto foram coligidas notícias sobre o Amapá em jornais brasileiros e textos literários que circularam por meio dos impressos nas terras amapaenses. A pesquisa pode ajudar a construir um cenário sobre os primeiros passos da literatura no Amapá, bem como elucidar acerca do acesso à leitura por meio dos impressos.

Palavras-chave: Literatura; jornal; Amapá.

ABSTRACT: Having been the main support through which reading circulated in the nineteenth century world, the newspaper quickly, thanks to its portable nature, the frequency of news and steam travel, quickly reached the most distant regions of Brazil. Amapá, subordinated to the government of the province of Grão-Pará, has been depending on the Pará routes for years to have access to public sheets. It was only at the end of the 19th century that these gazettes began to circulate more frequently in the lands of Amapá; in 1897, the Pinsonia, began to be produced in Macapá and, finally, in 1945, O Amapá was created, the official organ of the recently established territory. The purpose of this study is to analyze the first newspapers to circulate in the lands of Amapá in order to understand how literature was present in these pages. For this purpose, news about Amapá was collected in Brazilian newspapers and literary texts that circulated through the printed material in the lands of Amapá. The research can help build a scenario about the first steps of literature in Amapá, as well as clarifying access to reading through printed material.

Keywords: Literature; newspaper; Amapá.

OS IMPRESSOS OITOCENTISTAS: A REVOLUÇÃO E A CIRCULAÇÃO

A instauração da imprensa oficial no Brasil, legitimada pelo Decreto Real de 13 de maio de 1808 (BRASIL, 1808), propiciou o surgimento dos primeiros jornais produzidos pela colônia. Esse

início tão imediato, pouco mais de dois meses após a chegada da família real ao Rio de Janeiro, ocorreu pela necessidade de impressão de documentos políticos e administrativos; e, juntamente com esses papéis oficiais, podiam ser publicadas “todas e quaisquer outras obras”, desde que, obviamente, não desabonassem a religião, a moral e o governo. Além dessa restrição, não havia, a princípio, a possibilidade de outras tipografias serem instaladas, o que garantia o monopólio do que era publicado.

Todas essas limitações, a proibição de impressão antes de 1808 e a restrição com o conteúdo a ser publicado pela casa régia, não significam, de certo modo, que só havia, no Brasil, a circulação de folhas impressas com o selo real. Desde o século XVIII, em diversas partes do país, como Recife, Rio de Janeiro e Vila Rica, ocorreram tentativas de instalações de pequenas tipografias, as quais foram suspensas por ordem da coroa portuguesa (ABREU, 2010). Também, muito antes da família real alojar-se, os livros portugueses e de outras nações chegavam às terras brasileiras por meio de pedidos de livreiros brasileiros que dependiam da autorização da mesa censória portuguesa. No entanto, foi a abertura dos portos, assinada também em 1808, que permitiu a chegada de livros e jornais de outros países, sem precisar passar por Portugal, ainda que a entrada dessas publicações no Brasil também estivesse submissa à autorização da mesa censória instalada no país.

A chegada dos impressos em grande quantidade permite um aumento significativo de livros dispostos à venda. Segundo Laurence Hallewell (1985), no Rio de Janeiro, existiam apenas duas livrarias em 1808 e, em 1816, já havia doze. Em 1870, havia cerca de trinta e, em 1890, quarenta e cinco. De igual modo, ao se observarem apenas os periódicos disponíveis na hemeroteca digital, pode-se perceber esse mesmo crescimento: na década de 1810, há jornais de Alagoas, Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul e, na década seguinte, de Ceará, Bahia, Pará, Maranhão, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco.

Essa revolução dos impressos está intimamente ligada à expansão do número de leitores, causada tanto pelos colégios que iam paulatinamente se espalhando pelas províncias quanto pelo

interesse por causa das notícias de diversos países, trazidas pela chegada diária dos pacotes, os quais, graças aos motores, cruzavam o Atlântico recheados de novidades que despertavam a atenção da sociedade, ávida por tudo o que viesse do estrangeiro. Assim, um misto de refinamento e civilidade dominava os leitores brasileiros. Na cidade da corte, a rua do Ouvidor tornou-se símbolo desse requinte, por onde passeavam os jovens interessados em notícias políticas divulgadas nos jornais, em novidades europeias disponíveis à venda, ou também, em adquirir os livros estampados nas vitrines dos principais livreiros.

No auge pelo *début* social, os leitores consumiam com avidez os jornais que se popularizavam cada vez mais e, graças ao fácil manuseio e ao caráter portátil, ocupavam os cafés, os salões, os passeios públicos, as livrarias, ou seja, imiscuíam-se em meio às conversas diárias. Se a rua do Ouvidor sintetizava o requinte europeu, os jornais não só o popularizaram como o tornaram ainda mais encantador: nas páginas dos jornais desfilavam as notícias dos acontecimentos dos principais centros europeus, as ilustrações coloridas cativavam com a moda e o bom gosto e, nas leituras dos folhetins, absorviam-se informações sobre os hábitos mais polidos e elegantes.

Para atender a esse público, os jornais aperfeiçoaram-se: surgem jornais de diferentes áreas, com seções variadas e diagramações cada vez mais generosas para o leitor. Notícias políticas, avisos de chegadas e saídas de pacotes, anúncios de diversos produtos e notas oficiais disputavam espaço com seções destinadas à literatura, como a coluna “Folhetim”, críticas literárias, cartas de leitores, publicação de poesias, notícias de venda de livros, entre outras. Esse aprimoramento das folhas populariza ainda mais o jornal que democratiza a leitura, tornando-se uma “locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias” (CORREIO MERCANTIL, 10 e 12 jan. 1859, p. 2).

Machado de Assis, ao comentar sobre o poder de penetração do jornal, nas linhas transcritas acima, caracteriza bem, por meio da metáfora “locomotiva intelectual”, as folhas diárias, pois assim

como os assuntos variam de seção a seção para os leitores nas páginas dos jornais, as cenas se modificam de estação a estação para os passageiros da locomotiva. Além disso, a velocidade e a circulação do transporte assemelham-se com as do impresso que, graças aos navios a vapor, alcançavam rapidamente as regiões mais distantes do país. A circulação da folha mensal, *Jornal das Famílias*, em que o autor carioca mais publicou seus contos, ilustra bem essa agilidade: a edição de março de 1875 foi noticiada no dia 10 desse mesmo mês no *Diário de Pernambuco* e, no dia 17, ainda de março, no *Diário do Maranhão*; o número de dezembro de 1875 foi comentado, nesse mesmo mês, no dia 10 n' *O Despertador*, de Santa Catarina e, no dia 11, no *Diário de Minas*; e ainda, a edição de dezembro de 1877 foi divulgada nos jornais *A Regeneração*, do Pará, e *A Regeneração*, de Santa Catarina, ambos em 09 de dezembro.

Essas notícias de recebimento do *Jornal das Famílias*, publicadas nas províncias no mesmo mês em que a folha mensal saía na cidade da corte, revelam não apenas a celeridade dos impressos que □ em apenas 10 dias □ são publicados nas ruas do Rio de Janeiro, navegam pelos paquetes até essas outras regiões e são noticiados em jornais do norte ao sul do país; mas também destacam a rede dinâmica que havia entre os mediadores pertencentes ao circuito de comunicações (DARNTON, 1998), envolvidas no imbricado processo de produção e circulação dos impressos, em que editores, tipógrafos, livreiros, correspondentes e distribuidores contribuem para que as notícias publicadas alcançassem os leitores.

Sobre essa dinâmica circulação dos impressos entre as cidades, Socorro Pacífico Barbosa (2007) acrescenta:

Outro importante aspecto da circulação da cultura letrada que os jornais revelam com bastante propriedade diz respeito à integração entre as províncias e a circulação de livros e periódicos. Esta e outras pesquisas em jornais têm desmentido a concepção corrente, segundo a qual as províncias viviam culturalmente isoladas e, no máximo, mantinham contato com a Corte, ou a capital da República. Ao contrário, os jornais e periódicos revelam que havia um movimento intenso entre as províncias, o que incluía a troca de jornais, recebimento de livros,

a crítica literária, tudo isso apresentado em notas que, por si só, já constituem fonte de documentos e de pesquisas para uma história da leitura no Brasil que não se limite às fontes bibliográficas tradicionais. (BARBOSA, 2007, p. 83).

Essa integração de que trata a pesquisadora, fruto desse intenso movimento entre as províncias, pode ser percebida na primeira página dos jornais oitocentistas: nela há informações sobre as cidades em que a folha circulava. O *Jornal das Famílias*, por exemplo, em 1878, passa a listar os locais onde deveriam ser feitas as assinaturas do jornal². Nessa lista, constam trinta correspondentes distribuídos pelo país e ainda Braga, Porto, Lisboa e Paris. De igual modo, o *Diário de Pernambuco* manteve por anos uma lista de agentes, publicada logo após o frontispício, indicando ter assinantes no Pará, Maranhão, Ceará, Natal, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia e Rio de Janeiro.

Com essa correspondência, muitas publicações saídas nos jornais são reproduzidas livremente em outras províncias, ou seja, “os veículos se entrecruzam e se interligam” (DARTON, 1998, p. 14), revelando que a teia de produção e circulação é muito mais urdida do que costumeiramente se conhece e desfazendo a concepção de isolamento, como bem acentua Socorro Pacífico Barbosa na citação anterior. Essa articulada conexão não se restringia às grandes cidades. Também as pequenas localidades recebiam os impressos das demais províncias e, à medida que se desenvolviam, começavam a produzir seus próprios jornais.

O DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO AMAPAENSE E A REPRESENTAÇÃO NOS JORNAIS

As terras amapaenses, muito antes da família real chegar ao Brasil, estiveram subordinadas ao governo paraense. Por séculos, os moradores da região do Amapá viram o Pará evoluir de capitania à

² Lúcia Granja empreendeu uma vasta pesquisa sobre a livraria e editora de Baptiste Louis Garnier. Em “Chez Garnier, Paris-Rio (de homens e de livros)” (GRANJA, 2018), a estudiosa, ao tratar do famoso jornal, cita a lista de correspondentes e realça a importância do editor francês para o estabelecimento do cânone nacional.

província e depois a estado. Na segunda metade do século XVIII, com a criação da vila de Macapá, o governador da província do Grão-Pará, Mendonça Furtado, começou a investir no povoamento nas terras do Cabo Norte, com o intuito de que os moradores protegessem a região de invasores estrangeiros. No entanto, a condição geográfica não era favorável: as chuvas destruíam as plantações e as febres causadas por doenças tropicais grassavam em abundância (REIS, 1949). Desse modo, o povoamento não avançou.

Com a independência política do país, ocorreram novos investimentos: os brasileiros passaram a assumir os cargos antes ocupados por portugueses e, para se fixarem no Amapá, receberam terras, casa e dinheiro para que pudessem empregar na ocupação, o que proporcionou o surgimento de engenhos e fazendas de gado. Também a chegada da infantaria para proteger a Fortaleza de São José de Macapá, inaugurada em 1782 (GARRIDO, 1940, p. 286; SOUSA, 1885, p. 63), contribuiu para o aumento da população, possibilitando que, em 1856, Macapá fosse elevada à condição de cidade.

A partir desse período, meados do século XIX, as viagens de navios saídos de Belém, começaram a ser regulares. Os jornais paraenses divulgavam a saída dos paquetes, com as datas disponíveis para o abastecimento de carga; em seguida, esses navios dirigiam-se para Macapá, recebiam carga e depois partiam para Mazagão, de onde retornavam a Belém. Também nessas folhas há informações sobre o transporte de couro e borracha, extraídos do Amapá, e notícias sobre o desenvolvimento da cidade, como nomeações de cargos públicos e documentos oficiais.

Essa evolução, no entanto, não se concentra apenas na cidade. As terras do Contestado, em virtude de um acordo com o governo francês, tornaram-se uma região sem jurisdição de nenhum governo e por isso muitos imigrantes fugidos ocupavam essas terras que eram vastas e repletas de recursos naturais (PAZ, 2017). Dessa maneira, desertores da revolta da Cabanagem, negros perseguidos pelos caçadores de escravos ou criminosos fugitivos encontravam, por meio das dificuldades de acesso à região amapaense graças à diversidade fisiográfica, o lugar ideal para se assentarem.

Esse crescimento no número de habitantes, entretanto, não obteve, na mesma proporção, a atenção do governo do Pará. Os jornais paraenses do final do século XIX estão repletos de denúncias sobre a situação de abandono que a região vivia e de desmandos de juízes e capitães nomeados para dirigir o Amapá. Essa negativa repercussão, aliada às doenças tropicais que vitimavam muitos moradores, gera ojeriza a todos aqueles que eram destacados a ocuparem cargos na região.

Mesmo diante de tantos dissabores, a chegada de imigrantes não arrefeceu. Ao contrário, a descoberta de jazidas de ouro, nas regiões de Cunani e Calçoene, no final do século XIX, potencializou tanto o interesse de estrangeiros às terras amapaenses quanto impulsionou a contenda com a França, já motivada pela necessidade de os brasileiros demarcarem seu território, desde a Proclamação da República, em 1889. É no calor dessa disputa que os principais vultos da história do Amapá se canonizam, responsáveis em defender o solo brasileiro. Porém, a batalha e, principalmente, o massacre ocorrido em maio de 1895, que resultou na morte de mais de quarenta brasileiros, contribuíram para macular ainda mais a imagem da região, já prejudicada pelas doenças e descasos. Assim, jornais de todo o país publicavam com detalhes notícias sobre a chacina; em 8 de fevereiro de 1891, o jornal paraense *Diário de Notícias* divulgava a nota intitulada “Macapá”:

Quase diariamente estamos registrando notícias contristadoras acerca da peste, da fome, da miséria que horrorosamente assola o interior do Estado, arrastando inúmeras vítimas à sepultura. Pessoa chegada ultimamente de Macapá diz-nos que é doloroso o espetáculo que se assiste em diversas ilhas. Grande número de pessoas acossadas pelas febres se recebem os medicamentos necessários para debelar o mal, sucumbem à falta de alimentos pela impossibilidade que se acham de adquiri-lo. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 8 fev. 1891).

Na matéria, a denúncia da situação em que se encontrava a cidade de Macapá consterna o editor, ou seja, as informações sobre a região, mesmo antes das lutas com os franceses, já eram

lamentáveis. A notícia abaixo, reproduzida do jornal paraense *Diário de Notícias*, foi publicada em 28 de março de 1896, na folha carioca *Gazeta da Tarde*, e ilustra bem a condição de pavor que assolou os moradores da região à época da guerra com a França:

Cerca de 8 horas da noite, no dia 28 de fevereiro a força pública comandada pelo capitão Vicente Franco atacou a casa do honrado comerciante Teodoro Mendes e, depois de ligeiro conflito, se dirigiu para a igreja matriz onde se oficializavam ritos religiosos e deram os soldados, sob o comando do dito oficial, uma carga que dispersou os fiéis. Grande foi o pânico das mulheres e crianças que estavam na igreja. Depois desses atos de bravura as praças que tomaram parte nessa gloriosa jornada, entregaram-se às delícias do triunfo, embriagaram-se e depois de muitas cenas de indisciplina e licenciosidades, concluíram por se revoltar contra o seu capitão que para sustentar-se careceu pedir socorro da guarda nacional. (GAZETA DA TARDE, 28 mar. 1896).

Os ataques à família do comerciante e às pessoas na igreja, provocados pelo ambiente de guerra, oposto ao estado democrático de direito, produzem uma imagem desastrosa sobre o Amapá para os leitores que se apropriavam dessas notícias de jornal, as quais aliadas às que propagavam informações sobre as denúncias e os desmandos, saídas desde a metade do século XIX, caracterizaram negativamente a região amapaense. Por mais que na virada do século XX, as notícias sobre o Amapá, saídas em jornais de todo o país, fossem favoráveis, graças à intervenção do Barão do Rio Branco garantindo a terra contestada para o Brasil, essas publicações não desfazem a imagem negativa construída por décadas nas páginas impressas. Desse modo, ao mesmo tempo em que a região se desenvolvia com o povoamento de seus diferentes espaços e com a conquista da terra, assegurando a posse do território, a representação das condições do homem no solo amapaense, projetada nos periódicos, não era positiva, não estimulava a chegada de imigrantes, a não ser os que eram coagidos a isso, seja por nomeações ou por estarem buscando um espaço para se estabelecerem livres de perseguições. Era necessário que o Amapá produzisse seus próprios jornais para que

as denúncias contra os desmandos e abandonos reverberassem pelo país e transformassem a pesarosa projeção desenhada pelas folhas impressas.

OS PRIMEIROS JORNAIS DO/NO AMAPÁ: O *DEMOCRATA*, *PINSONIA* E O AMAPÁ

Entre as muitas manifestações de resistência ao descaso que vivia o Amapá, surgem, vinculados ao intuito nacionalista, os primeiros jornais a circularem na região. Santos (2019), considerando um estudo (RODRIGUES, [2009] 2020³) de Edgar Rodrigues (1921–2009), elege o jornal paraense *O Democrata* como o marco inicial da imprensa amapaense por circular na região do Amapá e conter notícias relacionadas à cidade de Macapá, com 427 menções ao Amapá e 356 a Macapá. A folha nasceu com o advento da República em defesa da monarquia e era produzida pelo Partido Republicano Democrático do Pará, ala conservadora da política paraense, apesar da contradição que o nome apresentava. Possivelmente o que motivou o pesquisador a considerar a circulação da folha nas terras amapaenses foi a constituição do Diretório do Partido Republicano de Macapá, ocorrido no dia 14 de outubro de 1890 que, por comungar com a proposta ideológica da folha, provavelmente recebia as edições saídas em Belém.

Grande parte das alusões às terras amapaenses, no jornal *O Democrata*, referem-se às datas de saídas e chegadas dos navios, aos avisos de pessoas deportadas para as “inóspitas regiões do Amapá”, às nomeações aos cargos públicos, aos desmandos ocorridos em terras amapaenses e às acusações de fraudes nas eleições de Macapá. Essas denúncias muitas vezes são assinadas por leitores de Macapá, o que ratifica o estudo de Edgar Rodrigues.

O Democrata surgiu em 1º de janeiro de 1890 em clara

3 Matéria originalmente apresentada na página oficial do governo do Amapá, com o título “As comunicações sociais no Amapá”, em 21 set. 2009. Sugere-se também a leitura de SANTOS, E. K. A. dos; CRUZ, S. A. dos S. C. M. *O Jornalismo Setecentistas: a história da imprensa amapaense na década de 1970*. Macapá: UNIFAP, 2018. Disponível em: <https://www2.unifap.br/editora/files/2018/12/O-jornalismo-setentina.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

oposição ao regime republicano⁴ e possivelmente circulou até o final de 1895⁵. A primeira página inteira da primeira edição foi ocupada com a imagem de Chermont de Miranda (1847-1920), coronel comandante superior da guarda nacional da comarca da capital, um grande chefe democrata.

Logo no frontispício era indicado o local da tipografia: Largo das Mercês, n. 7. Na edição de 20 de maio de 1890, quando noticiado sobre o incêndio que o periódico sofreu, o endereço mudou para a Rua Nova de Sant’Ana, n. 45. Inicialmente, o preço de aquisição da folha para a capital era: assinatura anual custava 20\$000; trimestral, 5\$000; avulso, 60\$. Para os interiores, os valores eram 22\$000, 6\$000 e 60\$, respectivamente. No ano de 1893, a Redação e Oficina localizavam-se na praça Saldanha Marinho, n. 25, e os valores divulgados eram: assinatura anual vendida a 22\$000, semestral, 12\$000, número do dia, 100\$. Para os interiores, os valores eram: 28\$000 a assinatura anual e 14\$000, semestral, com a possibilidade de aquisição de número atrasado no valor de 500 réis.

O jornal era composto de quatro páginas, divididas em seis colunas. A primeira página destinava-se às questões políticas e à coluna folhetim, a segunda e a terceira dedicavam-se ao que acontecia na cidade de Belém e na Europa, por meio das notícias colhidas em outros jornais, e, na quarta página, divulgavam-se os anúncios com propagandas diversas, responsáveis em garantir o sustento da folha. Grande parte das viagens dos paquetes era divulgada nessa última página.

Na coluna folhetim, localizada no rodapé da primeira página, a preferência era para a prosa de ficção: das 1.172 edições disponíveis na hemeroteca digital, apenas duas trazem poesias de Souza Filho — “Harmonias” e “Arremedos Bíblicos” —, apesar de

4 Conforme Farias (2009), o agressivo posicionamento político dos membros da folha, o jornalista Francisco Xavier da Veiga Cabral, o militar José Joaquim Gama e Silva e os juristas Américo Marques Santa Rosa e Vicente Chermont de Miranda, inflamou quatro atentados ao jornal com incêndios, arrombamentos e agressões com ameaças de morte, no início da década de 1890. A folha monárquica acusava o Partido Republicano que negava, no jornal A República, a responsabilidade nesses eventos.

5 Na hemeroteca digital, estão disponíveis para consulta as edições de 1890 a 1893. Segundo Daniella Moura (2017), o jornal circulou ainda por mais dois anos, até 1895.

em alguns números a folha não apresentar essa coluna literária. A preponderância são as narrativas dos franceses, que dominavam o cenário brasileiro com suas edições baratas: Alexis Bouvier (*Nine e A baronesinha*), Georges Ohnet (*As lutas da vida, Alma de Pedro, Dívida de ódio, As batalhas da vida e Nemrod & Cia*) Henry Gréville, pseudônimo de Alice Marie Céleste Durand, (*O noivo de Sylvia*), Octave Feuillet (*O jornal de uma mulher*), Philippe Chaperon (“A mãe dos pobres”), André Theuriet (“A galinhola”), Jean Richepin (“Jorge o santo”), Guy de Maupassant (“Ordenança”), François Coppée (*Henriqueta*), Adrien Vély (“O jantar do prefeito”), Jules Mary (*A fada primavera*), Jules Lermina (*Alise*), Paul Billhaud (“Os distraídos”), Pierre Véron (“Um bêbado”), Emile Zola (“Agencia Durandean”), Catulle Mendes (“Os três vestidos”), Alphonse Boubert (“A carta da baronesa”), Henry de Kock (*A fera*), Théodore de Banville (“Primeiro amor”) e Aureliano Scholl (“Deseja-se marido”, “Cinquenta francos de alviçaras” e “Uma noite de amor”). Também colaboram com contos os portugueses Gervásio Lobato (“A cara do amigo Anselmo”), Filinto de Almeida (“O beijo fatal”) e Gomes Leal (“O suicida”). Entre os brasileiros, constam, também com contos: Andradina de Oliveira (“História de um escrínio”), Coelho Neto (“Firmo, o vaqueiro”) e Júlia Lopes de Almeida (“A carta do morto”).

Tem-se, assim, autores franceses populares, portugueses que mantinham grande relação com a imprensa e com os grandes escritores — Filinto de Almeida não só morou no Rio de Janeiro, como participou da fundação da Academia Brasileira de Letras — e escritores brasileiros que representavam grandes perspectivas para as produções futuras: Coelho Neto foi considerado um dos melhores contistas da época, Andradina de Oliveira destacou-se como líder feminista com publicações em diversas regiões do país e Júlia Lopes de Almeida, além da produção em vários gêneros e da luta abolicionista, contribuiu para a fundação da Academia Brasileira de Letras. É bem provável que, em virtude de percalços com os movimentos dos impressos, algumas edições de *O Democrata* não chegassem ao Amapá, mas apesar dessas possíveis lacunas, a presença desses autores nessa folha permite aos leitores amapaenses

o contato com muito do que circulava de mais relevante no país, bem como potencializa a leitura no Amapá, a partir de temas muito diferenciados.

Logo após o fim da folha monarquista, em 15 de novembro de 1895, o jornal *Pinsonia*⁶ foi lançado em Macapá, concebido por Joaquim Francisco de Mendonça Júnior e José Antonio Siqueira que, por meio de atividades ligadas à pecuária e ao comércio, tinham condições de financiar o periódico, conforme esclarecem Caldas e Souza (2018):

O primeiro jornal a circular no Amapá foi o *Pinsonia*, ainda em 1895, por iniciativa de Joaquim Francisco de Mendonça Junior e de José Antonio de Siqueira. O *Pinsonia* era impresso no formato tabloide, com circulação semanal. Ressalte-se que suas primeiras edições não foram feitas no Amapá, mas em Belém. Em 1897, chegam a Macapá máquinas alemãs para a impressão do referido jornal, que dois anos depois pararia de circular. (CALDAS; SOUZA, 2018, p. 208)

Da tipografia alemã, instalada em Belém, o jornal passou a ser produzido, a partir de 14 de julho de 1897, em Macapá, sendo comercializado por meio de assinaturas e vendas avulsas. O plano anual custava 12\$000 reis, o semestral, 6\$000 reis e o trimestral, 3\$000 reis. Os exemplares avulsos eram fixados em 4\$00 reis. Não havia diferenciação de valores para o público que rompesse as fronteiras de Macapá.

Desde o surgimento, a gazeta circulou em diversos estados do país, por isso vários jornais divulgaram, em suas páginas, o recebimento do suporte: em 27 de dezembro de 1895, o *Gazeta da Tarde* (RJ) noticiou o lançamento da “gazeta de Macapá”; o *Jornal Potiguar*, *O Iris*, em 30 de setembro de 1897, também informou o recebimento do suporte; o baiano *Leituras Religiosas*, em 23 de junho de 1898, divulgou ter chegado o “*Pinsonia*, impresso e

6 Na hemeroteca digital, estão disponíveis os quatro primeiros números do *Pinsonia* — de 15 de novembro de 1895 (sexta-feira), de 25 de novembro de 1895 (segunda-feira), de 10 de dezembro de 1895 (terça-feira) e de 20 de dezembro de 1895 (sexta-feira) —, o que demonstra a irregularidade das edições.

publicado em Macapá”; e, em 15 de fevereiro de 1898, o maranhense *Pacotilha* comentou um fato de “lovelacismo”, publicado no jornal de Mendonça Júnior: Ignácio Lopes dos Santos, famoso conquistador, havia iludido mais uma donzela, e a folha macapaense apelava por uma solução dos governantes contra o vil galanteador.

O jornal tinha como subtítulo “Órgão dos interesses do extremo Norte do Brasil” e anunciava em sua epígrafe a proposta de se tornar porta-voz das especificidades econômicas, sociais e políticas daquela porção do território nacional, à margem esquerda do rio Amazonas. Ao analisar a proposta do jornal, Paz (2015) considera que a folha:

buscava dialogar com os dois principais centros de decisão naquele momento, ou seja, o governo estadual em Belém e as instâncias de poder no Rio de Janeiro, alegando urgência na superação do atraso das estruturas produtivas e dos vícios de uma população secularmente arreada ao trabalho regular e “moralizante” (PAZ, 2015, p. 1).

O desenvolvimento que o ciclo da borracha promoveu em Belém e em Manaus não favoreceu a população amapaense, que há alguns anos lutava contra o descaso e pela emancipação das terras; e o *Pinsonia* divulgava as críticas aos danos sociais e econômicos causados pela exploração da borracha. Politicamente, desde o editorial da primeira edição, o periódico esclarecia que, embora fosse republicano, desejava independência para poder julgar com isenção os homens. Conforme Paz (2017), a folha abordava:

questões relacionadas não apenas à política, mas principalmente à produção extrativista e agrícola, comércio, trabalho, infraestrutura e desenvolvimento, discutindo propostas a partir da realidade de cidades como Macapá, Mazagão, incluindo as pequenas vilas do interior da Guiana brasileira, e todas as incontáveis ilhas entre o Marajó e o limite territorial em disputa com a França, o chamado Contestado franco-brasileiro (PAZ, 2017, p. 2).

O que se percebe é a luta por uma identidade propriamente

amapaense, como já esclarece o próprio nome do jornal ao aludir ao navegador espanhol Vicente Yañes Pinzon, que percorreu as terras do Amapá antes da esquadra lusa de Pedro Álvares Cabral chegar ao Brasil.

Estruturalmente, a folha era pequena, de periodicidade semanal, tiragem de 500 exemplares, com média de quatro páginas e com raras imagens. Na primeira página, apresentava um editorial juntamente com vários anúncios comerciais, notas e avisos. divulgação de nomes de autoridades públicas locais como juiz de direito, promotor público e tabelião, nomeações a novos cargos e o expediente, em que se lia acerca dos principais acontecimentos ocorridos nas terras do Cabo Norte. O conteúdo era organizado em quatro ou três colunas, começando com a seção “Expediente”, no topo da primeira coluna à esquerda, e depois seguiam as demais seções. Além das questões políticas, o jornal continha a última página destinada aos poucos anúncios e, ocasionalmente, à literatura, com poemas de Joaquim Francisco de Mendonça Júnior⁷, um dos fundadores da folha, que assinava a coluna sob o pseudônimo Múcio Javrot. Nessa página destaca-se, na segunda edição, um poema de Múcio Javrot em comemoração ao aniversário de Paes de Carvalho, que dois anos depois se tornou governador do estado do Pará; assim como a informação de que anúncios e publicações poderiam ser tratados na Livraria Bittencourt, na capital; e um aviso para os leitores: aqueles que haviam recebido os dois primeiros números do jornal e não os devolveram já deveriam se considerar assinantes.

Com a segunda guerra mundial, o presidente do Brasil,

7 Joaquim Francisco de Mendonça Júnior era amapaense, mas desde cedo frequentou as escolas de Belém e manteve relações com a elite cultural: amigo próximo de Coriolano Jucá, intendente de Macapá, e de Lauro Sodré, governador do Pará. Seu vínculo com o partido republicano e a projeção, graças à fundação do jornal, parecem ter lhe dado a visibilidade necessária para que fosse eleito deputado. Além da política, destacou-se como professor, jornalista e poeta, sendo membro da Academia Paraense de Letras com o pseudônimo Múcio Javrot. Publicou um único livro — “Crepusculares” —, mas nos jornais oitocentistas repousam textos do autor em prosa e em poesia, bem como registros dos debates literários em que se envolveu. Faleceu em Macapá em 4 de agosto de 1904. Sugiro a leitura da tese de doutoramento de Alan Victor Flor da Silva (2018), intitulada “Vida literária na Belém oitocentista: a contribuição do Diário de Belém para o desenvolvimento das letras na capital paraense (1882-1889)”, para se compreender a produção de Múcio Javrot nos periódicos paraenses.

Getúlio Vargas, no propósito de melhor proteger os limites do país, desmembrou 142 mil quilômetros do Pará, e elevou o Amapá a território federal, em 13 de setembro de 1943; designou o capitão paraense, Janary Gentil Nunes, como primeiro governador do território. Com o intuito de oficializar as medidas adotadas, o governador, em 1945, criou o jornal *O Amapá*, conforme Souza (2016) esclarece:

Foi, durante o período de 1945-1968, a principal mídia impressa do Amapá, de ampla circulação. Apesar de ser também um informativo do Território Federal do Amapá, e que de alguma forma refletia a orientação sociopolítica do governo, o referido jornal pode ser caracterizado também como um periódico de temática livre, com assuntos diversificados, apresentando conteúdos informativos, notícias, opiniões e análises, anúncios e propagandas. (SOUZA, 2016, p. 110)

Assim, além de ser um veículo informativo do governo, o jornal também se ocupava com assuntos regionais e nacionais de interesse da população. A folha tinha quatro páginas, com circulação, inicialmente semanal aos sábados e com tiragem de 750 exemplares, sendo a assinatura anual vendida a 25\$00, a semestral a 15\$,00 e o número avulso a \$0,50 (valores em cruzado). Para o interior do estado, os custos de aquisição alteravam-se: 30\$00, 20\$00 e \$1,0, respectivamente. Os locais de venda do periódico modificaram-se ao longo dos anos. Em 1946, era possível comprar no Salão Raiol; em 1949, n'A Brasileira; em 1951, na Engraxataria Dez de Novembro; e, em 1958, em vários endereços: Hotel N. S. do Perpétuo Socorro, Casa Canta Galo, Silva e Irmãos, Residência do Mestre Julião, Bar Pedro Monteiro, Botequim Francisco Almeida, Casa Santo Agostinho, Residência da Dona Aparecida, Casa duas Estrelas, Bar e Café Restauração, Café Society, Bar Tico-Teco, Casa Sacudino Campos e Barbearia do Hotel Macapá. Esses espaços variados, além de realçar a penetração do jornal, demonstram o quanto o interesse pela folha foi crescendo ao longo dos anos.

A literatura estava presente em vários espaços do jornal

apresentando críticas copiadas de outros jornais, anúncios de obras recém-lançadas ou noticiando o cinquentenário da Academia Brasileira de Letras. Na primeira edição, saída precisamente em 19 de março de 1945, o jornal anunciava que teria um espaço destinado à publicação dos textos literários. No entanto, somente a partir de 1949, as notícias acerca da literatura passaram a compor a coluna “Sociais”. Nessa seção, juntamente com felicitações de aniversário e casamento, bem como informações sobre os eventos ocorridos em datas comemorativas, havia fragmentos de poesias de escritores do modernismo brasileiro e anúncios de livros copiados de periódicos de outras cidades, principalmente de Belém do Pará, que possuía, desde o Brasil Imperial, uma forte ligação tanto com a capital do país, quanto com grandes nomes da imprensa europeia.

Somente a partir de 1951, surgiria a primeira seção estritamente literária, intitulada de “Bazar”, que tratava especificamente da produção do jornalista e advogado paraense Aderbal Melo, em oito críticas literárias sobre leitura e literatura. Nesses textos, o escritor revela seu posicionamento acerca da distinção entre parnasianismo e modernismo, seu apreço pela leitura como instrumento para promover a instrução, e lamenta a juventude não ter preocupação com a leitura, por isso a “consequência desse divórcio dos livros, das boas publicações, vai estuar nos primeiros testes a que se submetem esses milhares de candidatos a tantos concursos levados a efeito no Brasil” (JORNAL *O Amapá*, 29 de março de 1953, p. 2).

No período de 1957 a 1960, surge a coluna “Presença Literária” produzida inicialmente por Ivo Torres e depois por Aluizio da Cunha, substituindo a coluna anterior. Essa seção apresentava crônicas e poemas de Ivo Torres, epígrafes, anúncios de livros e contou com uma enquete sobre “que escritor brasileiro você quer conhecer pessoalmente?”, realizada durante cinco meses, tendo a expressiva participação de 688 pessoas entre professores, alunos, intelectuais e poetas, que elegeram Jorge Amado como o preferido a ser conhecido. Se a escolha desse autor não surpreende por ele ter obtido um enorme sucesso, por outro lado essa seleção revela o quanto os leitores amapaenses partilhavam da mesma opinião que grande parte de outros leitores brasileiros possuíam acerca do autor baiano.

Ainda a literatura ficaria condicionada no jornal em duas outras seções: “Estórias do Dia a Dia”, em 1964, reunindo oito crônicas de Ribeiro de Assis; e “Letras em Coluna”, de 1965 a 1968, dirigida por Alcy Araújo, apresentando uma variedade de crônicas, poemas e prosa, críticas. Benjo (2019) coligiu as obras e os autores que desfilaram pelas páginas d’O *Amapá* durante os 24 anos de existência e contabilizou mais de 300 obras entre poesias, poema em prosa, crítica literária e crônicas, escritas por cerca de 20 autores.

Além das notícias extraídas dos jornais de outras cidades, das produções amapaenses e dos anúncios sobre as obras, nesse jornal há indícios sobre os leitores que se apropriavam dessas publicações. Ao citar a quantidade de pessoas que frequentava a Biblioteca Elcy Lacerda, oficialmente criada em 20 de abril de 1945, a notícia afirmava:

Recém-instalada a Biblioteca Pública desta capital já conta com elevando número de leitores registrados: 101; com um movimento de empréstimo que ultrapassa a 180 livros; com a média diária de cerca de vinte livros emprestados, e uma frequência de leitores que vai num crescendo bastante animado. Breve terão os seus leitores os principais jornais do Rio de Janeiro, quer diários noticiosos, quer hebdomadários especializados de todos os gêneros e assuntos assim como revistas, romances e novelas dos mais modernos e melhores autores da literatura mundial. (JORNAL O *Amapá*, 16 nov. 1945).

No dia 12 de dezembro desse mesmo ano, o jornal noticiava o que havia prometido: a chegada de livros novos: “romances, novelas, contos, etc. de autores nacionais e estrangeiros, além de revistas dos mais variados assuntos” já disponíveis aos leitores. Desse modo, esse jornal, que marca a independência territorial do Amapá, apresenta um espaço bem maior destinado ao texto literário, oferece pistas sobre o gosto literário dos leitores, como ocorreu na enquete e na notícia sobre a biblioteca, bem como, ao elucidar os locais de venda, esclarece, ainda, sobre os outros sujeitos envolvidos no processo de circulação do texto literário.

CONSIDERAÇÕES (NADA) FINAIS: A IDENTIDADE AMAPAENSE DESENHADA POR MEIO DOS IMPRESSOS

As aspirações dos dois primeiros suportes — *O Democrata* e *Pinsonia* — coadunam-se ao momento de desesperança vivido pelo homem amapaense no final do século XIX que, envolto em um universo de desmandos e descasos, utilizava-se das folhas públicas para denunciar os infortúnios a que era constantemente submetido. É um período de intenso frenesi nacional, capitaneado pelo advento da República, que, adicionado às lutas locais contra os franceses e contra o abandono pelo governo paraense, ao mesmo tempo, potencializa a insatisfação da sociedade amapaense e macula a imagem do Amapá, tornando-o insalubre para todo o país.

É imprescindível ressaltar que esse turbilhão de acontecimentos atinge uma sociedade constituída por sujeitos muito singulares que tornam a identidade local muito diferenciada do restante do país. O todo populacional amapaense formado, inicialmente, pelos primeiros indígenas e pela chegada, no século XVI, dos primeiros exploradores europeus, foi incorporando diversidades sociais, culturais e étnicas, ao longo de todo o século XIX. Essa pluralidade resulta da chegada de estrangeiros atrás da exploração do ouro, de famílias seduzidas pela colonização da região, de soldados para trabalhar na proteção da fronteira, de negros fugidos dos captores de escravos, de desertores da guerra dos cabanos, de criminosos atraídos pela fisiografia que dificultava a prisão e de figuras eminentes nomeadas para assumir o governo da terra amapaense.

As injustiças lidas nesses dois jornais do final do século XIX, escritas pelo homem amapaense, fruto dessa formação multifacetada, são muito diferentes do que se lê n' *O Amapá*. A urgência do governo, recém-constituído no território, em produzir um jornal para disseminar as decisões administrativas assemelha-se com o primeiro jornal produzido pela imprensa régia, tanto pela proposta ideológica quanto pela reprodução, nessas folhas, do desenvolvimento da leitura. São nessas páginas públicas — de 1808, no Rio de Janeiro, e de 1945, no Amapá — que se pode perceber

como os livros podiam ser adquiridos, quais os principais gostos dos leitores, como se desenvolveram os espaços de leitura e, ainda, como as leituras desses locais dialogavam com a literatura nacional e estrangeira.

No entanto, é preciso ressaltar a distinção de proposta ideológica entre as folhas que circularam no Amapá: os dois primeiros jornais, saídos no final do século XIX, tanto o que se opunha à República quanto o que se dizia politicamente imparcial, delatavam as injustiças sociais, enquanto a folha do governo, obviamente, servia como porta-voz das questões políticas e administrativas. Essa distinção, apesar de influenciar nos (im)pactos com os mediadores envolvidos no circuito de comunicação (DARNTON, 1998) de produção e circulação do texto literário, não cessa a presença da literatura nesses jornais. Ao contrário: aprimora-se. *N'O Democrata* desfilaram os principais autores que circulavam no Brasil; no grito de clamor nacionalista do *Pinsonia*, o editor, nascido no Amapá, assumiu um pseudônimo e divulgou as poesias de sua própria lavra; e *n'O Amapá*, as seções não só apresentavam textos amapaenses como posicionavam o leitor diante dos principais autores e obras mundiais.

Esses jornais precisam ser compreendidos, enquanto fontes primárias, como heranças do passado que carregam marcas da memória coletiva de um povo, seja com o intuito nacionalista do final do século XIX, ou de caráter oficial, a partir da formação do território. Jacques Le Goff (2003) destaca que esses documentos não são apenas armazéns de vestígios do passado mas, enquanto registros de memória, tornam-se elementos essenciais para a constituição da identidade. Nesse sentido, ao se considerarem esses jornais como “lugares de memória” (NORA, 1993), é preciso esclarecer que essa memória carrega aquilo que é comum a um grupo em um determinado espaço de tempo: o intuito nacionalista em *O Democrata* e *Pinsonia* ou a administração oficial em *O Amapá*.

Exatamente por esses arquivos serem registros de um discurso é que não se pode acreditar que eles carreguem toda a memória daquela época, mas sim do grupo que o produziu. Foucault (2007) desfaz a concepção de endeusamento desses documentos

por serem discursos selecionados, ou seja, estão marcados pelas concepções daqueles que os escreveram e não de toda a coletividade de uma cultura. Acrescenta-se a essa seleção discursiva, uma outra desconfiada: na leitura dos jornais com circulação pelas terras amapaenses, é preciso considerar a possível existência de outros periódicos que não foram conservados e que talvez apresentassem outros aspectos ideológicos, diferentes dos três jornais analisados.

Dessa forma, a incompletude dos arquivos, a seleção discursiva de quem os produziu e a mudança na proposta ideológica presente nessas folhas públicas alicerçam o aspecto transitório da identidade. Hall (2014), quando se debruça sobre a concepção sociológica, considera a identidade como “formada e transformada continuamente”, que se intensifica nos momentos de crise, por isso também as mudanças de concepções nos textos publicados. De igual modo, a seleção dos textos que compunham o espaço literário dessas folhas e o destaque dado à leitura e à literatura, nacional e regional não só contribuíram para a formação identitária dos leitores, quando os jornais foram produzidos, como, hoje, revelam o cuidado desses periódicos com a literatura. Além disso, produzidos em Macapá ou não, os jornais dos últimos anos do século XIX e da primeira metade do século XX são fontes fundamentais para investigar o processo do início da literatura e da leitura no cenário amapaense e podem revelar, além do gosto dos leitores, o processo de circulação e/ou penetração do texto literário no mundo oitocentista.

REFERÊNCIAS

A REGENERAÇÃO. Belém (PA): [s. n.], edição de 1877.

A REGENERAÇÃO. Desterro (SC): [s. n.], edição de 1877.

ABREU, Márcia. Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. *Impresso no Brasil*. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: editora UNESP, 2010. p. 41-66.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BENJO, Raylane Maciel. *O Jornal Amapá: um panorama da literatura nas décadas de 45 a 68*. Monografia (Graduação em Letras), Universidade do Estado do Amapá, Macapá, 2019.

BRASIL. *Decreto de 13 de maio de 1808*. Crêa a Imprensa Regia. Palácio do Rio de Janeiro: Rubrica do Príncipe Regente Nosso Senhor. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dim/DIM-13-5-1808-3.htm. Acesso em: 10 mar. 2022.

CALDAS, Yurgel Pantoja; SOUZA, Manoel Azevedo de. O Jornal Amapá e a literatura amapaense: os anos entre 1945 e 1968. *Letras Escreve*, Macapá, volume 8, n. 3, p. 205-217, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/3536/pdf>. Acesso em: 11 fev. 2022.

CORREIO MERCANTIL. Rio de Janeiro (RJ): [propriedade de Munir Barreto, Filhos e Octaviano], edição de 1859.

DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DIÁRIO DE MINAS. Ouro Preto (MG): [propriedade de J. F. de Paula Castro], edição de 1875.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Belém (PA): [propriedade de uma empresa], edição de 1891.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife (PE): [propriedade de Manoel Figueirôa de Faria & Filhos], edição de 1875.

DIÁRIO DO MARANHÃO. Maranhão (MA): [s. n.], edição de 1875.
FARIAS, William Gaia. Em nome da República: imprensa, eleições e deportações no Pará republicano. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 4, 2009, Maringá (PR). *Anais [...]*. Maringá, Universidade Estadual de Maringá, 2009. Disponível em: <https://silo.tips/download/em-nome-da-republica-imprensa-eleicoes-e-deportacoes-no-para-republicano-1-imprens>. Acesso em: 8 maio 2021.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 7. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GARRIDO, Carlos Miguez. Fortificações do Brasil. Separata do Vol. III dos *Subsídios para a História Marítima do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1940. p. 279-459.

GAZETA DA TARDE. Rio de Janeiro (PA): [propriedade de L. F. de Moura Brito], edição de 1895 e 1896.

GRANJA, Lúcia. Chez Garnier, Paris-Rio (de Homens e de Livros). In: GRANJA, Lúcia; LUCA, Tania Regina de. (org.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica da literatura (1789-1914)*. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2018, p. 42-61.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: T. A Queiroz/Edusp, 1985.

JORNAL DAS FAMÍLIAS. Rio de Janeiro (RJ): B. L. Garnier (editor-livreiro), edições de 1875, 1877 e 1878.

JORNAL O Amapá. Macapá (AP): [s. n.], edições de 1945 a 1968.

JORNAL O Democrata. Belém (PA): [s. n.], edições de 1890 a 1893.

JORNAL O Despertador. Desterro (SC): [s. n.], edição de 1875.

JORNAL O Iris. Natal (RN): [s. n.], edição de 1897.

JORNAL Pacotilha. Jornal da Tarde. Maranhão (MA): [Fundado por Victor Lobato], edição de 1898.

LE GOFF, Jacques. Memória. Tradução Bernardo Leitão e Irene Ferreira. In: ROMANO, Ruggiero (dir.). *Enciclopédia Einaudi*. Porto, Imprensa Nacional, v. I, p. 11-50, 1984. Disponível em: <https://www.incm.pt/portal/bo/produtos/anexos/10077420100408163754501.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2022.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Ed. da Unicamp, 2003.

LEITURAS RELIGIOSAS. Salvador (BA): [Rev. Conego Clarindo de Souza Aranha], edição de 1898.

MOURA, Daniela de Almeida. Imprensa em foco: notícias antigas, outras abordagens (1886-1890). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29, 2017, Brasília (DF), 2017. *Anais* [...]. Brasília (DF): Universidade de Brasília, 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502807815_ARQUIVO_ArtigoANPUH2017DaniellaMoura.pdf. Acesso em: 9 de set. de 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Houry. *Revista Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 13 fev. 2022.

PAZ, Adalberto Júnior Ferreira. A voz do extremo Norte: crise, trabalho e desenvolvimento nas páginas do jornal *Pinsonia* (1895-1897). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28, 2015, Florianópolis (SC). *Anais* [...]. Florianópolis, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), 2015. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945030_be32a76fd548a84f1e8a57fd32fe9e0a.pdf. Acesso em: 13 fev. 2022.

PAZ, Adalberto Júnior Ferreira. *Repúblicas contestadas: liberdade, trabalho e disputas políticas na Amazônia do século XIX*. 296 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017.

PINSONIA. Belém (PA): [fundado por Joaquim Francisco de Mendonça Junior e José Antonio Siqueira (José Antonio de Cerqueira)], edições de 1895.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *Território do Amapá: perfil histórico*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949. Disponível em: <https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/listarPublicacao.php?lista=0&opcao=4&busca=REIS,%20Arthur%20Cezar%20>